

## A SENSIBILIDADE RELIGIOSA DE CAMILO: UMA CONSCIÊNCIA PERANTE A SUA ÉPOCA(\*)

Eugénio dos Santos  
(Prof. Fac. Letras — História)

A vastíssima colaboração de Camilo Castelo Branco na imprensa do seu tempo é hoje uma faceta bem conhecida da vida e obra do grande romancista, embora se lhe não conheçam ainda, com rigor, a extensão e a profundidade. Em boa hora, pois, a Casa Museu de Camilo promove este colóquio, subordinando a temática a abordar a «*Jornalismo e Literatura no séc. XIX*», que o mesmo é dizer, a um dos aspectos mais marcantes da história e da cultura portuguesas do século passado.

As considerações que vão seguir-se são fruto de uma análise serena e, tanto quanto possível, cautelosa da colaboração de Camilo em dois jornais portugueses dos meados do século XIX, a saber: *O Nacional* e *O Portugal*. Apenas nos debruçamos sobre a produção camiliana com incidência religiosa directa, uma vez que só esse aspecto nos interessou, de momento. É importante referir, também, que não estará em causa aqui uma análise de toda a produção ulterior de Camilo de carácter religioso. Não. A colaboração nesses jornais coincidiu com o período da sua juventude, rondando a idade dos 25 anos, quando as suas preocupações teológicas e escatológicas eram bem evidentes, pois os estudos feitos no seminário não podiam deixar de o influenciar fortemente.

---

(\*) — Queremos aqui agradecer ao nosso colega da Faculdade, Dr. Luís Alberto Marques Alves, a prestimosa ajuda na pesquisa da colaboração de Camilo no conteúdo dos jornais citados.

Omitimos referências a *O Cristianismo* e *A Cruz*, jornais que serão objecto de análise de outro colega.

Nenhum espírito pode escapar às marcas do seu tempo... Se isso é inevitável para todos, parece, contudo, repercutir-se com maior profundidade, como uma espécie de fatalidade, em sensibilidades arrebatadas e apaixonadas, como foi a de Camilo Castelo Branco. Ele viveu em período difícil dos destinos colectivos de Portugal, quando homens e governos procuravam arrancar o País ao atraso, à dependência, ao subdesenvolvimento. Constatou que uma Nação tem raízes, possui um carácter próprio, que é preciso saber respeitar, sob pena de agressões irremediáveis. Camilo preocupou-se muito com o destino futuro do seu Portugal tradicional. Procurou fornecer o seu contributo, directo e pessoal, para um porvir mais risonho e feliz. E ofereceu o que tinha de melhor ao dispor: as suas ideias, as suas considerações oportunas, a força da sua linguagem e raciocínio, o vigor da sua inteligência. Isso parece hoje evidente ao leitor dos jornais *O Nacional* e *O Portugal*.

O País, com efeito, vivia ainda sob a miragem das promessas dos revolucionários de 1820. Nessa altura a esmagadora maioria dos portugueses acreditara que uma nova era de prosperidade e de tranquilidade colectivas despontara. Mas..., cedo uma realidade bem dura e um futuro bem sombrio se lhes impuseram. O ideal liberal, nem como forma política, nem como expressão cultural mobilizadora, conseguia galvanizar os cidadãos, para os quais constantemente apelava. Do período da euforia, em breve, se caiu na luta fratricida e estéril, que originou rios de sangue e destruições. E o pior é que nem a figura do monarca saíria incólume dessa desorientação colectiva. Camilo viveu, como adolescente e como jovem, esse clima de crise e pessimismo que o liberalismo português assumiu entre 1834 e o dobrar do meio do século. Vintintas e cartistas degladiavam-se ferozmente, tendo mais em mente o culto de doutrinas e modelos do que a realidade palpável, a estrutura social em acelerada mutação. No período que se alargou até 1851 uma parte do país assistiu, estupefacta e amedrontada, ao choque sem tréguas entre os «doutrinários» e os «políticos», uns e outros sem se libertarem das sombras do passado. Com efeito, Alexandre Herculano denunciou violentamente, como eco da sua consciência e sensibilidade feridas, a adopção do título de «barões» e «viscondes» que muitos liberais passaram a usar, desacreditando, desse modo, pela sua actuação, uma doutrina que se proclamava isenta das honrarias antigas. A crispação das facções em luta foi de tal ordem que só a humilhante intervenção estrangeira, consubs-

tanciada na convenção de Gramido, de 1847, as logrou acalmar, ao menos momentaneamente. Apenas o golpe militar do duque de Saldanha, em 1851, reconduzirá o país à paz política e à concórdia nacional. Mas, sob as cinzas, continuava bem vivo o fogo das velhas discórdias e a incerteza do futuro...

Ora, foi neste horizonte que surpreendemos o jovem Camilo tomando posições públicas de defesa apaixonada dos seus ideais, éticos e morais. Não se trata tanto de enunciado de teses maduramente fundamentadas e convenientemente expostas, mas de escritos de circunstância em que lhe parecia oportuno apontar caminhos, denunciando ou refutando erros. Mais do que uma ideologia bem explícita, julgamos surpreender nele uma sensibilidade apaixonada e nervosa, que, pela via religiosa, procurava imiscuir-se na problemática da sua época. Convicto das suas posições doutrinárias e dogmáticas, não podia calar, em consciência, o que lhe ia na alma, exaltada e sincera. Vários pretextos lhe serviam para se exprimir: a morte de um amigo, a visita ou evocação de uma personagem ilustre, a publicação de um livro... As suas palavras reflectem frequentemente estados de alma. Não é, pois, fácil (será possível?... ) caracterizar-lhe a filosofia subjacente. Mas a sua sensibilidade, essa, estuava-lhe por todos os poros...!

Apenas como amostra do seu pessimismo e desapontamento político, ouçamos o que escreveu em *O Nacional*, em 1849:

Não foi Deus, que à creatura  
 Impoz soffrer jugo alheio;  
 Dos tyrannos a lei dura  
 Não é de Deus que lhes veio;  
 Nem do ceo veio o punhal,  
 Que te rasga, ó povo, o seio;  
 Nem a purpura real,  
 Nem o dom da prepotencia.  
 Nasce dos homens o mal...  
 Não culpeis a Providencia,  
 Inda vigora entre nós  
 Convertido o crime em lei:  
 «Tenho cadafalso e algoz,  
 «Já foram reis meus avós,  
 «Quero e mandao — eia» sou rei!»  
 E os que reis não nasceram,

Ao menos, de seu, tiveram  
 O sentir do coração;  
 «Para nós — elles disseram —  
 «Pranto, fome, e escravidão!»

«Cae-nos da fronte o suor,  
 «Temos calejada a mão,  
 «Noite e dia, com fervor  
 «Trabalhamos por amor  
 «Dos filhos, que pedem pão!  
 «Mas esse pão, tão suado,  
 «É-nos de caza usurpado  
 «Em nome d'acerba lei!...  
 «Mesquinhos fructos do arado,  
 «Esses mesmos são do rei!»

«Da pequena e inculta herdade  
 «Pagamos fôro à realesa,  
 «E, nem se quer, liberdade  
 «Nos concede a Magestade  
 «Para adoçar a pobresa!  
 «Somos filhos d'outro pai,  
 «Somos d'outra natureza!  
 «Geração envilecida!  
 «Povos! gemei; arrastai  
 «Vida nos ferros curtida!»

Referimos que a nossa análise incide sobre a sensibilidade religiosa de Camilo, a qual, aliás, pôde exprimir-se com a certeza de encontrar ambiente motivado para leituras desse teor. Já Almeida Garrett, em 1843, escrevia, preocupado com a indeferença religiosa, nas *Viagens na Minha Terra*:

«...os liberais já conhecem que devem ser tolerantes e que precisam de ser religiosos... Em Portugal não há religião de nenhuma espécie. Até a sua falsa sombra, que é a hipocrisia, desapareceu. Ficou o materialismo estúpido, alvar, ignorante, devasso e desfaçado, a fazer gala da sua hedionda nudez cínica no meio das ruínas profanadas de tudo o que elevava o espírito. Uma nação grande ainda poderá ir vivendo e esperar vida da alma na mais nobre parte do seu corpo. Mas uma nação pequena, é impossível: há-de morrer».

Manter vivas as matrizes da cultura e da sensibilidade nacionais parecia a Camilo indispensável para assegurar a sobrevivência colectiva. Com efeito, esta fundamenta-se numa ética e numa moral que, entre nós, são de raiz eminentemente cristã. Destruí-las, sem erguer valores alterativos bem aceites e compreendidos, é suicídio. Camilo afinou por este diapasão. Isso se reflecte na colaboração que manteve nos jornais acima referidos.

Assim, a propósito da publicação da 5.<sup>a</sup> edição da obra do conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos, *Meditações ou Discursos Religiosos* (Porto, 1850), onde, sintomaticamente, se escreve na Introdução que «o acontecimento maior da nossa idade... é o movimento religioso que actualmente agita o mundo», o nosso autor produziu uma série de afirmações bem sugestivas:

«O TORPOR do sentimento religioso não o deploremos em todos os corações. Entre os portuguezes apparecem signaes infalliveis d'uma *regeneração christan*. Na moral politica não os procureis, que o mesmo seria buscar a alegria da consciência na face do homem, contorcida pelas paixões flagelladoras da terra. Devassai o lar dos que soffrem no izolamento das suas angustias: estudai os centenaes de familias, que contemplam serenas a mercancia vilipendiosa, que por ahi vai de vendilhoens politicos — esse tripudiar frenetico dos estadistas em torno da sua obra lamentavel — esse parto afflictissimo de todos os dias, donde procede um novo filho de entranhas corruptas, um novo apostolo de jactanciosa immoralidade.

E no viver obscuro das trez partes de uma nação chorada no seu infortunio pelas outras nações, é lá nessas existencias que se annullam perante a devastação implacavel dos inimigos da patria, que encontrareis o recolhimento das ideias de Deus, que, foragidas do santuario da lei, profanado pelos fariseus da politica, foram acoitar-se no santuario do coração humano, purificado pelo soffrer, e esperar de longos annos calamitosos! Ahi, donde sobem para o Eterno as supplicas, perfumadas pela fé e pela esperança não deparais somente a prece angustiosa dos que pedem uma vida menos dorida que a da terra; vereis tambem vincularem-se ao amor de Deus os affectos da patria, o amor dos homens.

Ha muito quem, nas tristezas do desalento em que cahiram as crenças, o pundonor, e a primazia christan de Portugal, recorra ao primeiro e extremo tribunal de JESUS CHRISTO, pedindo-LHE o balsamo da SUA mize-ricordia, os decretos da SUA providencia para este paiz d'infelizes, que ainda pode, ao chamamento de Deus, levantar-se do vil estado da sua morte villan.

Os symptomas da *regeneração christan* poderão dividir-se na sociedade d'individuos, que envelheceram na virtude, e que guardaram fielmente as maximas do Evangelho, apesar da tempestuosa transição d'uma epoca religiosa para outra de impiedade? Não, por certo; não é ahi nesses augustos restos dos tempos que elles choram, e nós choramos, que deveis procurar a flor da religião, que desabrocha espontanea entre os espinhos d'um seculo immoral. É na mocidade, neste feracissimo cultivo d'intel-ligencias novas, e de coraçoens não contaminados, é na geração que floresce, e da qual os politicos astuciosamente querem tirar um falso proveito, que encontrareis o senti-mento anhelante das crenças divinas, a anciedade fecunda das sublimidades evangelicas, a pura aspiração dos jubilos espirituaes, em fim, o preito voluntario das intimas convicçoens aos livros sagrados — ao monumento gran-dioso da Egreja de cincoenta e oito seculos!

A cruz do Filho de Deus será o marco milliario, que deve assignar, na sociedade dos homens, no complexo das naçoens, e especificadamente neste paiz desventuroso, os extremos limites da desgraça criminosa, dos maus cida-dãos, dos pessimos legisladores, dos ministros immoraes, para depois ensinar uma nova estrada de uma nova existência para os sentimentos religiosos, que sam os unicos elementos da perfectibilidade humanamente possi-vel? À sombra desse padrão augusto e civilizador, e sobre bases christans é que pode firma-se o throno, a naciona-lidade, e um reinado emfim, que se inspire do codigo supremo do Evangelho?

E'.»

Camilo havia principiado, como ele próprio diz, os seus estudos teológicos. Faltava-lhe a ciência metódica, mas sobejava-

-lhe coração para a suprir, como humildemente confessava no final do seu artigo, estampado em *O Portugal*, de 1851. Ele adota como suas algumas palavras do autor das *Meditações* as quais se ajustam à sua sensibilidade:

«A religião, unica base segura da ordem, da justiça, e da liberdade, deve ser o principio de toda a organização social: deve ser a estrella que constantemente nos guie: e quem sabe se os homens auxiliados ou mesmo impellidos por uma graça especial do Senhor, no silencio ou na ausencia de todas as paixoes, lançando mão dessa base, deixando-se possuir inteiramente desse principio, marchando sempre à luz dessa estrella, chegarão um dia onde nunca têm podido chegar?»

Surpreendemos Camilo, nesta fase da sua vida, preocupado em combater o vazio espiritual provocado pela filosofia das Luzes, a qual, na sua óptica, conduzira a um racionalismo ultrapassado e estéril. Em artigo assinado em *O Portugal*, ainda de 1851, a propósito da publicação da 15.<sup>a</sup> edição do livro *Jesus Cristo Perante o Século* ou *O triunfo da Religião Cristã proclamado pelas recentes descobertas das ciências naturais*, ele aconselha a sua leitura aos «tíbios de coração», confessando que «tão opulento de santos affectos nos deixou o coração, d'antes pobre contataminado pela epidemia da indiferença religiosa deste século escuro, a cujas sombras tivemos a desventura d'abrir os olhos...». Camilo sentia-se fascinado pela argumentação do seu autor, Roselly de Lorgues, que, partindo do avanço recente das ciências naturais, concluía pela existência inequívoca de Deus e necessidade absoluta da religião. Não se fica, contudo, o nosso romancista por aqui. Adianta quais são, em seu entender, os destinatários maiores do livro, diagnostica a situação portuguesa sua contemporânea.

Curiosamente da França, sobretudo, veio o veneno que conduziu ao racionalismo e à dissolução dos costumes, mas dela chegou também, agora, o remédio, porque Roselly de Lorgues «adduz as provas scientificas da verdade christã». Demos a palavra ao nosso jornalista:

«JESUS CHRISTO PERANTE O SECULO é um livro para os impedernidos homens de falsa sciencia, e para os naturalistas incoerciveis do espiritualismo religioso, que

não podem, como «Newton» dobrar o joelho ao Omnipotente, e também para aquelles que já d'antes crentes, precisam corroborar-se de alentos e sabedoria para desarmar os rudes gladiadores da impiedade.

O indiferentismo religioso não é uma convicção: é uma paralyisia da parte mais nobre do coração: um torpor dos mais elevados pensamentos: o silencio de dentro que nos cala a pratica das virtudes christans, e as consolaçoens que nascem d'ahi, e os desgostos tardios que medram na vida criminosa. Atheus não os temos: impios, sim, e muitos, e tantos nesta nossa terra, quantos evangelistas ella alimentou em suas entranhas, e mandou pela face do mundo a hastear a cruz da redempção onde quer que houvessem homens para adora-la. Os indifferentistas, aqui, não sabem talvez contrariar-vos as crenças no Eterno com os argumentos capciosos e estereis de «Spinoza» nem com as zombarias sarcasticas de «Voltaire», nem com as subtilezas vaporosas do «contrato social». *Não sabem nada, se os desalojardes do reducto desmoronado do racionalismo.* Um sorriso vão e ignorantemente pretencioso será a unica desforra que tirarão das verdades evangelicas, depois de rigorosamente asseveradas pela sciencia os factos. A «Encyclopedia» que conhecem pelos estirados volumes, não a estudaram melhor que as obras moraes e religiosas d'Alletz, ou as praticas convincentes de «Lacordaire». O que elles sabem é que a religião do Crucificado, postos em pratica seus augustos preceitos, é uma algema para a culpa, e a culpa conceberam-na elles — a sua vida social, a sua vida política, a sua vida intima, a sua estrada de aspides traiçoeriras até ao tumulto do corpo e do espirito!»

Preocupado em descobrir os autênticos valores nacionais de outrora. que julgava indispensável preservar, ele tornou-se um crítico mordaz e um analista severo da produção cultural portuguesa. Ouçamos o que escreveu em *O Portugal*, em Novembro de 1851, sob a epigrafe *Religião*:

«Nós os portuguezes não tivemos ainda uma literatura nossa, nem podemos ostentar aos de fora uma faze da nossa vida intellectual, que nos não fosse emprestada por

elles. Quase nada imaginosos, e naturalmente levianos em materia de sciencia, temos a infelicidade de não ter, dentro ou fora das fronteiras, um nome que tenha em si o *sygillo* nacional da nossa litteratura... Camoens nada prova contra a nossa opinião. Camoens, o segundo poeta do seu seculo, e o mais duradouro entre os poetas portuguezes do seculo XVI, seria um forte estímulo para que os estranhos estudassem a nossa poesia, se não fosse aquelle capacete que recebia o ceitel para o poeta moribundo e aquelle lençol que d'uma podre enxerga do hospital lhe recebeu o cadaver levado... nem os portuguezes sabem para onde!... Patria, que assim deixa morrer o filho, que com seu sangue lhe escrevera os triumphos, está desnaturada como mãe da sciencia, e esconde a face de envergonhada, quando lhe pedem genios laureados para a galeria da intelligencia humana.

Alem dessa epopea, cuidadosamente saturada dos melhores trechos dos poetas gregos e latinos, que outro livro mandaremos aos visinhos, antes do seculo XIX, que valha a nossa admissão no gremio das letras? Os nossos filosofos e historiadores do seculo XVI eram, quanto podiam sê-lo, excellentes mestres da lingua e mais ou menos fieis archivistas d'encarniçadas pelejas. Os do seculo XVII, eram o *ecco* d'aquelles, mas *ecco* amortecido como a gloria da sua patria deslustrada, e tanto abaixo ella tinha descido, que a propria lingua lhe renegaram! Os do seculo XVIII eram os profundos mandriões das academias, que consumiram de boa fé quantas variantes cabiam no possivel d'um trabalhoso estribilho. Os do seculo XIX são uns homens prodigiosos na faculdade da imitação; uns portentos de servilismo aos preceitos impostos pelos francezes de ha cem annos; são, em fim, tudo quanto pode ser uma geração, que não herda a originalidade dos seus e que não pode, sem ser apupada, arremeda-la nos outros.»

Porquê tanta severidade de juizo, quiçá tanta insensibilidade? Ele próprio responde lapidariamente. Demos-lhe a palavra:

«Escrevemos de proposito essas linhas, que parecem forçadas n'um assumpto estranho. Não o são. Um inci-

dente poderia fazer-nos avançar por longos ambitos, onde nos fosse caro encontrar o fio que deve atar-nos o discurso á palavra «Religião» que intitula o nosso escripto. Não foi incidente.

Queremos, negando conscienciosamente originalidade a tudo que é parto d'intelligencias portuguezas, criminalar a mocidade de nossos dias pela subserviencia imitadora que os escravisa a systemas estranhos.

É desdita dos que aqui contrafazem a litteratura franceza consumirem, em nossos dias, o resto dos cem annos, que tamanho é o prazo marcado para a digestão das doutrinas que de lá importamos. Cem annos d'atrazo intellectual é muito para quem tenta hobrear em civilização com os chamados povos cultos! Pedirmos a nossa emancipação de ilustrados, quando mal engatinhamos no rasto de Voltaire e Diderot é uma pertença irrisoria... irrisoria não: é uma bem desgraçada pertença!

A julgarmos da exterioridade dos espiritos, que nutre a geração em que nascemos, que systema religioso, que intelligencia a respeito de Deus deveremos suppor nessa mocidade que estuda, e escreve, e pensa e aspira a tanta cousa vaga?

Temos a coragem de dize-lo, e o desconsolo de crer no assentimento que muitos darão á resposta que elles proprios nos dariam, se de viva voz os interrogassemos. Esse systema é não ter systema algum n'aquillo em que a razão não pode fundar os cimentos. É o racionalismo. É a incredulidade. São as «cartas persianas» e «o ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos» e a encyclopedia» e o «contracto social» e o «espirito de Helvecio» e o «Christianismo descoberto.» É o sorriso ignorante que nos ensina aquella traiçoeira lição, quando temos de responder pelos motivos da nossa negação religiosa. É o relaxamento dos laços civis, que a mão impostora do homem tenta substituir com as promessas d'um futuro todos luz, todo razão se nunca saboreado pelos que estudam a politica ha mais de dous mil annos. É um estigma de desprezo em tudo que sobrepunha a sordidez dos politicos; é o ferrete cuspidado na cella do mosteiro, e o escarneo que responde ás lagrimas do monge; é o insulto

feito a Deus na pessoa do homem que lhe votára a sua existência, e foi lançado do seu azilo de oraçoens em galardão d'um homicida condecorado!

Incredulidade são essas causas e esses effeitos, inseparaveis dellas; é essa enfermidade moral que, apoz o delírio da destruição, descahe do marasmo da indifferença religiosa, que é o último somno das sociedades antes da sua morte. A morte das sociedades — bem a sabeis — É a anarchia, o sangue dos irmãos, a agonia da nacionalidade, a servidão, e as algemas arrastadas no chão do Estrangeiro.»

O que o nosso autor verdadeiramente teme é a alienação colectiva frente a um modelo estrangeiro, que, nos frutos que dele já foi possível colher, se revelou de péssimas consequências. O país está a ser mal governado e conduzido? É evidente. Porquê? Porque os políticos perderam a noção de moral, de piedade, de amor do próximo, consequências necessárias da sua incredulidade. Deixemo-lo mais uma vez falar:

«Aqui estão os cem annos interpostos aos espiritos fortes do seculo XVIII da França, e aos espiritos orgulhosamente cegos do seculo XIX em Portugal!

Por que sam elles incredulos? Por que ouvimos nós da bocca de moços reputados como talentosos a triste confissão do «não creio?»

É que sahiram do berço, quando o altar se fazia pedaços sob o frankisk barbaro duns suevos que aqui appareceram, apregoando o anathema de Voltaire — «Foi-se o Christo!»

É que descrêram da providencia divina quando viram o mau, salpicado do sangue de seu irmão, posto sobre um carro de triumpho, e mostrado aos que passavam como benemerito da patria.

É finalmente, por que a sua educação descida dos governos é impia como a estes convinha que ella fosse, entrepeceu-lhes o espirito nos dias da infancia, e tolheu-lhes a propensão para esclarecerem as verdades religiosas, que não lisongeavam o seu viver de delictos impunes.»

Curiosamente e sintomaticamente, ele foi um leitor entusiasta de livros de conteúdo religioso, que recomendava a todos. Escrevia sob a emoção do momento, mas acalentou o projecto de vir a coligir mais tarde os artigos dispersos em livro, como confessou acerca das suas leituras de 1851: «...hiremos anunciando aqueles (livros) de que vamos nutrindo o espirito, para mais tarde os convertermos em bases do nosso monumentosinho de escritor religioso.»

Este entusiasmo pelos bons livros de temática religiosa explica-se por duas razões fundamentais:

- 1.<sup>a</sup> Um livro toca a razão serena e a inteligência, movendo o sentimento;
- 2.<sup>a</sup> A esmagadora maioria do clero nacional é ignorante e, portanto, nada de válido há dele a esperar nesta matéria: Eis as suas palavras:

«Razão infallivel ha uma só — é a do Christianismo; é a que se presta humilde, e, ao mesmo tempo, orgulhosa da sua soberania, ás verdades que lhe são entalhadas pela mão de Deus.

Exercitae esse nobile distinctivo, que é causa da vossa soberania ultrajadora. Violentae a razão, que vos parece insubornavel, ao estado meditativo de alguns minutos em cada dia. Economisae uma hora das vinte e quatro, que vos são dadas pela riqueza do ceu, para os prazeres que vos lisongeiam, para as dissipacoens que vos perturbam, e para o molle repouso de peccaminosas fadigas. Dae essa hora, cerceada ás imunidades do crime, dae-a á leitura de bons livros, já que tendes a desventura de ser este um paiz excepcional, onde o clero avulta em ignorancia, e onde o pulpito com o seu silencio arremeda o sepulchro do Christianismo em Portugal. No cabo de um mez, se a leitura vos robustecer a incredulibidade, que perdestes vós? Trinta horas, que vos salvaram daquella aborrecida duvida em que viveis a respeito da vossa mãe, que vistes morrer com a oração nos labios, e não sabeis ao certo se devieis fallar com a sua alma, ou se espirito e corpo seria tudo um farto banquete de vermes. E se ao cabo de um

mez sentirdes a anciosa necessidade de curvar o joelho ante a imagem de JESUS CHRISTO, e pedir-lhe a patria dos justos para vossa mãe, que era um anjo, não são bem pagas em consolações perpetuas as trinta horas, que consagraste na leitura dos livros religiosos? Não podemos imaginar que a vossa resposta seja um sorriso escarnecedor. Ousamos mesmo pedir-vos alguns minutos do dia para a contemplação do livro que vos annunciamos, intitulado — *O Libertador annunciado e prometido a todos os povos*».

Camilo surge-nos já na idade jovem como um espirito atormentado e uma sensibilidade arrebatada. Não consegue provar, com argumentos apodíticos e convincentes, a verdade do «seu» cristianismo e isso inquieta-o, angustia-o. Ele apela aos seus sentimentos, torna-os conhecidos dos outros na mira de os ajudar. Veja-se:

«Nós, homens do erro e filhos d'uma maldição que nós proprios nos damos, ousamos hoje, no fim de dezoito seculos, pedir à sciencia as provas do Christianismo! Nós, miseraveis instrumentos d'um seculo immoral, creanças embaladas no berço da incredulidade, adultos com o joelho curvado perante o altar de uma razão corrompida, velhos, que nos vemos todos os dias esmigalhar como barro vil entre as mãos de Deus!... nós chamaremos, a brados de impiedade, o Senhor do Universo para que venha esclarecer-nos com seus milagres, com seus tormentos, e com a sua morte em uma nova cruz!?

Quem é que nos esconde as provas da nossa religião? Quem lançou por terra os monumentos, que JESUS CHRISTO nos deixou como garantes da nossa redempção? Que é desse archivo precioso de documentos onde devemos estudar a existencia destes cincoenta e oito seculos, que constituem o passado do genero humano? Seremos impios, porque sahimos ignorantes das mãos de Deus? A religião christan será, simplesmente, uma piedosa tradição confiada a algumas familias virtuosas?

Seculo d'angustias e de desalento, este em que vivemos, não é aquelle em que o reino das trevas fará farta colheita

de almas votadas á sua eterna perdição. D'entre os espinhos da angustia, o homem afflicto brada pelo auxilio do ceu na sua agonia terrena!... Sinto que o meu espirito se ergue sobre o pó do meu cadáver; sinto me lavado no perfume destas lagrimas, que a mão do crime me arranca do coração, para um mundo que me é prometido, como consolação aos que choram. É CHRISTO que me abre a pagina do Evangelho, onde essa esperança me foi escripta para esta hora de descrença nos homens... São estas as consolaçoens do Justo, que apagou com as lagrimas da penitencia o lume do desespero que lhe queimava as entranhas. São estas as consolaçoens, que sentiremos nós todos os que anciamos a palavra de Deus na boca do sacerdote, se manham as portas do tempo forem abertas ao desgraçado, cuja tibieza do coração, lhe não permite buscar em si a crença reanimadora de seus paes!»

Habitualmente severíssimo para com o clero ignorante e vaidoso, como o clérigo que em meados de 1851 pregara na igreja da Lapa, no Porto, no aniversário da morte de D. Pedro, mostra-se, ao contrário, rendido perante a figura austera e respeitada do missionário. As missões populares estavam ainda em grande voga neste meado do século, tendo honras de noticias n'*O Portugal*. Dessa figura modelar do cristianismo escreveu Camilo:

«Ouvide-o, que é um anjo, não enviado por Deus, mas feito na santidade do Evangelho... Ouvide um homem a quem as turbas apelidam santo. Naquela face há lágrimas que o hipócrita não sabe chorar... Ei-lo aí vai pobre como entrara, tão rico das suas conquistas, tão chorado das multidões que o acompanham... Na aldeia vizinha tange o sino da oração... o pulpito é nos descampados, debaixo do céu, na presença das arvores seculares, que falam das crenças passadas... Bem dito seja o missionário, a cuja prece as portas do céu se abriram para tantas almas!»

O escritor procurou, aliás, distinguir sempre muito claramente entre a religião e os seus servidores. Em polémica com Lopes de Mendonça, que acusava o clero de boçal e ignorante — no que Camilo mais que uma vez conviera — ele foi bem violento e caustico, perguntando:

É absurdo julgar que os padres, em Portugal, escutados pelo snr. Lopes de Mendonça, são os Apostolos do Christianismo, sem primeiro os ensinarem a ser christãos, e apóstolos.

É impiedade o fragil reducto do sacerdote ignorante para de lá arremessar insultos ao symbolo que elle não sabe balbuciar.

É, finalmente, imprudência inferior ao talento do snr. Lopes de Mendonça, sentenciar a religião, em ultima instancia, por que os seus advogados eram pobres homens, que não poderam com a sua boa vontade unicamente supprir as gallas de sciencia que precisam embellezar a cruz para que o snr. Lopes de Mendonça lhe curve o seu joelho orgulhoso.

E, do mais, os padres que o engenhoso folhitinista reduz à nullidade religiosa e scientifica, são — por ventura e honra d'uma parte do clero portuguez desconhecida ao snr. Mendonça — as armas que atraçoam a causa dos espiritos fortes. Estude-lhes a vida o penetrante escriptor, e verá donde veio esse clero soez e boçal, que nas horas vagas dos trabalhos politicos, apostolisa com aquella profundidade de ignorancia, que grangeou á farta na incuria brutalisadora dos governos constitucionaes.»

Aliás, quando estalou a famosíssima polémica nacional, a propósito do milagre de Ourique, entre Alexandre Herculano e a maioria do clero, sintomaticamente, o jovem Camilo criticou Herculano. Para ele era mais grave nesse momento lançar a dúvida «na consciência do povo para quem o prestígio religioso é mais real de veneração», do que sobre as mais rigorosas e apuradas verdades históricas.

Com desassombro ele verberou asperamente a nacionalização dos bens das ordens religiosas, mais grave ainda em si porque envolveu o não cumprimento dos legados pios. Por isso escreveu ele: «Aqui, em Portugal, é que o roubo se revestiu de todas as insignias nefandas do sacrilégio».

O jovem Camilo que aqui vim evocar foi bem um reflexo do seu tempo. Viveu-o intensamente e apaixonadamente. Nele a sensibilidade sobrepôs-se, frequentemente, à clareza da análise.

Ele próprio reconheceu, em carta de 4 de Janeiro de 1850, dirigida ao redactor e publicada em O NACIONAL, que o conteúdo do seu escrito de então «não arreja de galas emprestadas, mas revela na timidez dos seus argumentos uma questão tratada a sós com um coração, purgado de prejuízos, como é o do teu amigo...»

Camilo ganhara jus a ser solicitado, quando se tratasse de questões religiosas e de as apresentar em linguagem acessível ao público. Desse modo, quando Francisco Pereira de Azevedo, proprietário de *O Portugal*, resolveu editar em português o famoso *Catecismo de Perseverança*, escrito por Mons. Gaume, foi Camilo Castelo Branco convidado para o traduzir. Tal obra foi profunsa-mente anunciada no jornal, aceitando-se assinaturas em todo o país e até no Brasil. Reconhecia-se idoneidade ao tradutor.

A sua sensibilidade de jovem medularmente religioso talvez esteja bem patente neste soneto por ele composto, em 29 de Março de 1852, motivado por um acontecimento funesto, que muito o sensibilizou: a morte do seu «chorado amigo José Augusto da Silveira Pinto», num naufrágio, à vista da cidade do Porto.

«Senhor! Vós que sopraes a tempestade,  
Cavando abysmos sobre o mar irado,  
Ouvide os roucos sons do afogado,  
Que geme nos umbraes da Eternidade!

Nesses trances crueis d'anciedade,  
Rolando contra a rocha espedaçado,  
a prece, que murmura o desgraçado,  
É grito de perdão!... meu Deus! — piedade!

Perdoai-lhe, senhor! Ouvi piedoso,  
O brado d'afflicção, que manda aos céus,  
O filho, o amigo, o irmão mais carinhoso!

Ouvi-lhe o seu clamor entre escarceus;  
Pois, naquelle morrer angustioso,  
Brandou-lhe o coração — «Perdão, meu Deus!»

Em jeito de conclusão, parece-nos poder afirmar que o Camilo Castelo Branco que apaixonadamente escreveu sobre a temática religiosa, (manteve uma secção sob o tema RELIGIÃO em O

*Portugal*) à roda de 1851, foi um verdadeiro regenerador. À imagem dos políticos seus contemporâneos, que tanto carregou de inverdades, de acusações graves e crimes, também ele quis contribuir para a regeneração da grei, como ele próprio refere no 2.º extracto aqui transcrito. Mas fê-lo partindo de pressupostos seus, a saber: reconduzindo o país às suas antigas matrizes. Só fornecendo aos homens valores perenes e firmes se poderá ganhar a sua credibilidade. O Cristianismo, base de uma ética, de uma moral superiores, é insubstituível. Só ele encherá de esperança o coração dos homens e os poderá conduzir à felicidade. Para o jovem Camilo, colaborador regular do *O Portugal* e *O Nacional* do início da década de cinquenta, a verdadeira regeneração individual e colectiva, só podia vir de dentro: da alma e de um coração sincero...(\*\*)

---

(\*\*) Trabalho apresentado pelo autor nas Jornadas de Estudo da Casa de Camilo (Famalicão), em 13 de Outubro de 1988.

